



A sabedoria e a cultura Kariri Xocó

Kariri Xocó: contos indígenas, de Denízia Cruz

Janda Montenegro*

Uma publicação Kariri Xocó

Em 522 anos de história brasileira, a população do país se acostumou a invisibilizar os indígenas, referenciando-os como pertencentes ao passado, ao livro didático, ao imaginário coletivo floreado por autores que podem até ter escrito *sobre* os povos indígenas, porém o fizeram com a perspectiva eurocentrada e ocidental, descaracterizando-os (e, muitas vezes, desumanizando-os) de seu contexto natural. Mesmo hoje, 2022, com o avanço das pautas e dos debates sociais nas muitas esferas da sociedade, e certo reconhecimento da existência e dos povos indígenas, o entendimento comum é o de enquadrar todos os descendentes dos povos originários em uma mesma categoria geral – indígena – sem, portanto, conhecer e reconhecer as múltiplas identidades e culturas dessas populações aqui no Brasil, tais como os Guarani, os Macuxi, os Tupinambá, os Yanomamis etc., e também no resto do mundo.

*Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Daí, então, a importância da publicação e distribuição de um livro intitulado *Kariri Xocó: contos indígenas*, escrito pela autora indígena Xocó Denízia Cruz. Ao colocar no próprio título que os contos indígenas prometidos no livro não são gerais, mas sim específicos de um determinado povo, a autora marca o lugar dos seus na literatura e, por conseguinte, reivindica o reconhecimento da especificidade das histórias de sua aldeia. Assim, ao se deparar com *Kariri Xocó: contos indígenas*, o leitor é imediatamente avisado, pela capa, de que essa narrativa não será generalizada, mas sim demarcada pelo povo Xocó. Nesse sentido, o leitor é, em algum grau, apresentado ao que, em muitos casos, pode ser a primeira imersão cultural na literatura desse povo.

Antes da leitura propriamente dita, faz-se necessário geocalizarmos o povo Kariri Xocó. A Aldeia fica na zona rural da cidade de Porto Real do Colégio, no Estado do Alagoas, e, segundo o último censo da FUNAI, de 2000 (Secretaria de Estado da Cultura, 2022), era composta por cerca de 1.500 indígenas que viviam às margens do Rio São Francisco, de onde tiravam seu sustento e através dele realizavam suas atividades comerciais e de lazer.

Professora, militante e contadora de histórias, Denízia Cruz é indígena da Aldeia, à qual a autora se refere como sendo sua verdadeira biblioteca, juntamente com o Ouricuri, local de mata sagrado e preservado onde os rituais são celebrados (Museu Nacional, 2020). Assim, a Aldeia e o Ouricuri são, sim, sua biblioteca, sua fonte de inspiração, conhecimento e aprendizagem, uma vez que nos textos reunidos em *Kariri Xocó: contos indígenas* – e por ela redigidos – encontramos a sabedoria comunitária do povo nos resquícios da palavra: as histórias reunidas

no livro são ensinamentos passados pelos mais velhos aos mais novos, que circulam na Aldeia desde o início dos tempos.

Mesmo em se tratando do registro da sabedoria coletiva do povo Kariri Xocó, é possível destacar os traços individuais da escrita da autora para redigir cada um dos contos, adaptando-os à língua portuguesa e fazendo isso de um modo bastante didático, para que o leitor não indígena possa entender as histórias. A paciência didática da autora com o leitor comum é vista toda vez em que algum nome ou termo aparece em Kariri e, entre parênteses, é colocada sua explicação ou tradução em português. Exemplos dessas ocorrências estão no aparecimento no texto de nomes próprios novos, tais como: “Opará (Rio e Mar)” (Cruz: 2019, 47), “Reghé (Ancião)” (p. 5) e “Simé (Céu)” (p. 5). A delicadeza em planejar a inserção da tradução nos textos é parte da característica do individual autoral dentro da história coletiva de um povo e uma das características pessoais de Denízia Cruz.

Outro aspecto de suma importância que deve ser destacado no segundo volume de *Kariri Xocó: contos indígenas* é que, ao contrário do primeiro volume, este, lançado em 2019, vem acompanhado de um CD na contracapa, no qual constam as canções mencionadas nos contos do livro. Em se tratando de um projeto gráfico produzido e publicado pelo SESC, o acompanhamento de um CD com as músicas do povo Kariri Xocó que aparecem nas histórias ajuda no movimento de inclusão e acesso de todos à cultura e às histórias Kariri Xocó, seja pelo meio que for. Além disso, é um formato que facilita a professores e monitores utilizarem o material como recurso paradidático em sala de aula com alunos de menores idades, que apresentem alguma dificuldade de atenção ou determinadas deficiências cognitivas ou físicas.

Assim, a história, a memória e a cultura Kariri Xocó conseguem alcançar uma maior parcela da população brasileira, que compartilha o território com esse povo, mas desconhece totalmente sua existência. É hora de começarmos a mudar esse panorama, e uma das ferramentas para lograr isso é a literatura.

A sabedoria Kariri Xocó através da literatura

Até muito pouco tempo atrás, a sociedade mundial entendia como “sabedoria” apenas aquilo que poderia ser comprovado cientificamente, que fosse referenciado por pesquisadores e investigadores laureados – muitos dos quais, europeus e norte-americanos. Qualquer coisa diferente disso era (a ainda é) desconsiderado, invalidado, desmerecido ou simplesmente tido apenas como matéria-prima para a pesquisa de alguém com títulos suficientes para laurear tal conhecimento.

O conhecimento dos povos indígenas não é medido pelos mesmos instrumentos com os quais a cultura euro-ocidental mede sua própria produção (e a dos outros). A sabedoria dos povos da terra é passada oralmente, transmitida dos mais velhos aos mais novos, em rodas de conversa (com frequência ao redor da fogueira), e de maneiras muitas vezes metafóricas, para que aqueles que ouvem o saber possam assimilar sua reflexão individualmente e trazê-lo para sua própria vida.

Assim acontece com os povos indígenas, e assim é para o povo Kariri Xocó. No segundo volume de *Kariri Xocó: contos indígenas*, nos seis contos que compõem o projeto editorial, em todas as histórias, é possível ao leitor experienciar em palavras a rotina do povo Xocó e assimilar como a sabedoria é comparti-

lhada e vivenciada pelos indígenas desse povo, surgindo como oportunidade nos momentos mais marcantes da vida dos protagonistas dos contos.

Em “A cura do mundo: povos da floresta”, conto que abre o livro, o leitor é convidado a conhecer a história da questionável *descoberta da américa*¹ pelo ponto de vista de quem já estava nesta terra e, portanto, tem um outro olhar sobre como as coisas aconteceram. “Em uma noite de lua cheia que iniciava a história de um velho índio Reghé (Ancião) [...] Reghé chama seu filho Simé (Céu) para adentrar na mata e fazer sua primeira caçada” (Cruz: 2019, 5). Em uma leitura eurorreferenciada, poderíamos dizer que, nesse trecho, ocorre aquilo que Joseph Campbell aponta como “o chamado à aventura”, em *O herói de mil faces* (2007). Como esta resenha busca ler os contos pela sua essência Kariri e através de pensadores indígenas, isso que o escritor Campbell entende como chamado à aventura, e que ocorre ao protagonista Simé no conto, é, para o povo Kariri, parte do crescimento, da maturidade das crianças se transformando em adultos, e não uma jornada aventuresca masculina de exploração do mundo.

Em sinal de respeito, a primeira coisa que Simé faz antes de entrar na floresta “é pedir a ela que nos proteja dos velhos espíritos, dos predadores selvagens” (p. 5). A floresta é um ser vivo. A floresta é a casa, é a família, e dela os Kariri Xocó retiram apenas o necessário para sua subsistência. Assim, se por um

¹ Em respeito aos povos indígenas, uso a grafia minúscula para referir os nomes dados pelos europeus às terras em que já viviam os povos originários.

lado a história que chegou aos brasileiros foi de que a América foi descoberta, para os Kariri Xocó:

Há muitos anos numa época remota, alguns séculos brigavam entre si, qual século seria melhor para os povos do mundo. Eles debatiam entre lapsos temporais para mostrar a eles se os séculos antes de Cristo eram bons, ou se depois de Cristo ficaram melhores. Nesse embate de tempo chegaram a conclusão que um dependia do outro para mostrar aos povos que o mundo seria melhor se aprendermos a viver, adaptando-se a cada um deles. [...] [Os séculos] não brigavam porque queriam, mas por causa dos povos que não sabiam viver entre essas épocas com a natureza. Até que um dia alguns povos daquela época invadiram e roubaram nosso território sagrado. Antes deles chegarem aqui, nosso povo vivia da caça, pesca, colheita de sementes, frutos, raízes, bebidas... mesmo os povos plantando, eles não ficavam no mesmo território. Eles desciam rio abaixo, rio acima para outros lugares. A comunicação entre os povos era feita pelos rituais e pela natureza. Existia cerca de milhões de nosso povo (pp. 7-8).

Pela perspectiva Kariri Xocó, não houve uma descoberta dessas terras: houve, sim, uma invasão, uma tomada à força de território, cujas consequências são sentidas até hoje não só por esse povo, mas por todos os indígenas de Pachamama. Ao imprimir os verbos “invadiram e roubaram” à narrativa, Denízia Cruz confere a responsabilidade aos verdadeiros agentes causadores

da desconfiguração de Abya Yala e sua renomeação por Brasil. Há uma potentíssima afirmação de sujeito no trecho acima selecionado para abrir o projeto *Kariri Xocó: contos indígenas*; por fazê-lo, a autora não só destaca a questão, mas também propõe responsabilidade aos agentes de violência e reflexão sobre como essa história vem sendo contada para o mundo. É isso que Simé busca entender no conto, uma vez que aquilo que ele ouve do ancestral e aquilo que ele vê na floresta são suficientes para preocupá-lo.

Os seguintes contos seguem a mesma linha: em “A Maraca e a História dos astros”, o leitor mergulha no universo cósmico e na vivência na aldeia desse universo – que, ao contrário da ciência moderna ocidental, para os Kariri Xocó, vive dentro da maraca (chocalho), feita de casca de cumbuca e cujas sementes internas simbolizam os planetas; quando três mulheres têm sonhos diferentes e desconexos, elas buscam o pajé da aldeia para encontrar orientação de interpretação dos sonhos –, uma leitura de vida não praticada pelas sociedades modernas, mas cuja prática permanece até hoje para muitos povos da terra.

Em “Barro Buyê e a Olaria Kariri Xocó”, a autora comenta como “o ‘barro’, a argila retirada da mãe terra, sempre esteve presente na vida dos povos da caatinga” (p. 27). Por sua perspectiva, conta a história de Buyê, um curumim muito prestativo, que ajudava na olaria Kariri Xocó, mas se inquietou sobre a permanência das atividades de seu povo e sua sobrevivência após a chegada de empresas de fabricação de tijolos em massa na região. Mais uma vez, a autora mostra como as atividades de empreiteiras e comportamentos destrutivos ameaçam a existência e a resistência de seu povo.

No conto seguinte, “Kamurim mensageiro da planta sagrada”, Kamurim, um jovem que aprendeu com a floresta e com as brincadeiras a tradição de seu povo, tem um sonho no qual vê seus ancestrais amarrados e torturados. Diante do cenário, uma voz pergunta ao jovem: “Como você faz para ser curado das doenças do mundo infectado pela ambição, medo, ódio e poder?” (p. 43). O curumim responde simplesmente que ainda está aprendendo os conhecimentos de seu povo, mas sabe que determinadas plantas são utilizadas para determinadas mazelas e cada elemento da natureza tem sua função no equilíbrio.

A partir da resposta do jovem, a voz misteriosa liberta os antepassados do curumim. Uma das interpretações que se pode ter dessa passagem é a já conhecida apropriação do conhecimento – algo que ocorreu, e muito, com os indígenas no passado e permanece acontecendo, quando alguém se aproxima da aldeia e de alguma forma faz algo ou alguém refém de/em uma situação, de modo a conseguir adquirir a sabedoria e o conhecimento de um povo indígena para dele se apropriar e mercantilizá-lo na sociedade. Assim surgiram muitos remédios farmacológicos, assim o açaí teve sua patente registrada no Japão etc.

Em “Rio Opará, que deságua no mar que nunca morre”, conhecemos o comumente chamado Rio São Francisco através dos olhos da pequena Mydzé, que, após ser picada por uma cobra d’água no rio e ser curada pelo saber de Ubumaná, conhecedora da ciência do seu povo, passou um tempo afastada do rio por causa do trauma e, quando recebeu a permissão de sua mãe para visitar o parente novamente, encontrou-o doente, poluído com a sujeira. Com medo do impacto que aquilo causaria a seu povo,

Mydzé, com a coragem de um beija-flor, reuniu outros curumins para limpar o rio e salvar o Opará. Felizes por terem conseguido salvar o parente, os curumins fazem festa, com danças e cantos, e Mydzé, inspirada com sua jornada, escreve uma carta ao presidente, pedindo que salvem o rio e seu povo.

Por fim, em “Tunyrã e a História do Angiqueiro”, conhecemos o curumim Tunyrã, em “fiel busca por conhecimentos” (p. 55), e acompanhamos o deslumbramento do jovem Kariri em conhecer mais sobre os rituais e a existência de uma árvore sagrada, o Angico, “importante para o povo porque ela guarda grandes conhecimentos místicos jamais vistos aos olhos de outros povos” (p. 57). Assim, com o passar da sabedoria de Porãsutu para o jovem Tunyrã, ele entende a importância de cada pedaço da natureza para a comunhão e a harmonia de sua própria aldeia, e do espaço que a autora designa como uma de suas bibliotecas: o Ouricuri, local de mata sagrado e preservado onde os rituais são celebrados.

Através das seis histórias selecionadas por Denízia Cruz em seu *Kariri Xocó: contos indígenas*, o leitor é convidado a fazer uma reflexão crítica sobre como a tal História com agá maiúsculo foi contada. Além disso, há sabedoria e cultura do povo Kariri Xocó carinhosamente partilhadas através dos contos, aproximando o leitor da vivência desse povo. Pela literatura, Denízia Cruz encontra a forma de ocupar um espaço até então não permitido aos Kariri Xocó, mas que, graças a publicações como as da autora, tomara que se torne mais frequentado pelas literaturas indígenas de todos os povos de Pachamama.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CRUZ, Denízia. *Kariri Xocó: contos indígenas*. Volume 1. Ilustrações de Caco Bressane. São Paulo: SESC São Paulo, 2019.
- CRUZ, Denízia. *Kariri Xocó: contos indígenas*. Volume 2. Ilustrações de Caco Bressane. São Paulo: SESC São Paulo, 2019.
- MUSEU Nacional. *Os primeiros brasileiros: Kariri Xocó*. Disponível em <https://osprimeirosbrasileiros.mn.ufrj.br/pt/mundo-contemporaneo/kariri-xoco> Acesso em: 30 jan 2022.
- SECRETARIA de Estado da Cultura. *Kariri Xocó*. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-indigena/comunidades-indigenas-em-alagoas/kariri-xoco> Acesso em: 30 jan 2022.

Submetida em 02 de fevereiro de 2022.

Aceita em 14 de novembro de 2022.